

Sou um homem com alguma idade. A natureza das minhas ocupações nos últimos trinta anos levou-me a contactar de perto com o que julgo ser uma classe profissional bastante interessante e algo singular, mas sobre a qual nunca ninguém escreveu nada, tanto quanto sei — refiro-me aos copistas ou escrivães. Conheci um grande número deles, tanto profissionalmente como a título particular, e se quisesse podia relatar a seu respeito várias histórias, que fariam talvez sorrir as pessoas benevolentes e chorar as de natureza mais sentimental. Mas trocarei a narração das biografias de todos esses escrivães por algumas passagens da vida de Bartleby, que foi o escrivão mais estranho que alguma vez vi ou de que ouvi falar. Se de outros copistas eu podia escrever a história completa, em relação a Bartleby é-me impossível fazer o mesmo. Estou em crer que não existe material para que se possa escrever uma biografia integral e satisfatória desse homem. O que é uma perda irreparável para a literatura. Bartleby era uma daquelas pessoas sobre as quais nada se pode apurar a não ser recorrendo às fontes originais, e no seu caso estas são bastante escassas. Com a exceção de um vago rumor que mencionarei mais adiante, tudo o que sei de Bartleby é *aquilo* que os meus olhos estupefactos testemunharam.

Antes de apresentar o meu escrivão, tal como o vi pela primeira vez, parece-me conveniente dizer algo acerca de mim, dos meus empregados, do meu negócio, do meu escri-

tório e do mundo em que me movo, uma vez que essa descrição é indispensável para uma adequada compreensão do protagonista deste relato.

Antes de mais, sou um homem que, desde a juventude, teve a profunda convicção de que na vida é preferível seguir sempre pelo caminho mais fácil. Daí que, embora pertencendo a um grémio profissional proverbialmente enérgico e nervoso, quando não turbulento, nunca permiti que tais estados de espírito perturbassem a minha paz. Sou um desses advogados carentes de ambição que nunca interpelam um conjunto de jurados nem incitam de qualquer modo os aplausos do público. Prefiro o sossego de um confortável retiro, onde confortavelmente me ocupo dos negócios de gente rica, rodeado de títulos de crédito, hipotecas e escrituras. Todas as pessoas que me conhecem me consideram um homem eminentemente *seguro*. O falecido John Jacob Astor, personagem pouco dado a entusiasmos poéticos, não hesitava em afirmar que os meus pontos fortes eram a prudência, em primeiro lugar, e depois o carácter metódico. Não o digo por vaidade, mas limito-te a registar o facto de que os meus serviços nunca pareceram inúteis ao falecido John Jacob Astor, um nome que, confesso, me dá prazer pronunciar, pois tem algo de redondo e orbicular e há nele um eco de ouro em barra. E posso acrescentar ainda que nunca fui insensível à boa opinião do falecido John Jacob Astor.

Algum tempo antes do período em que começa este pequeno relato, os meus afazeres haviam aumentado consideravelmente. Tinha-me sido atribuído o velho e venerável cargo de Master in Chancery, atualmente extinto no estado de Nova Iorque. O cargo não era demasiado trabalhoso, e era agradavelmente remunerativo. Eu raramente perco a calma, e mais raro ainda é entregar-me a arriscados sentimentos de indignação perante injustiças e agravos; mas permitam-me que seja um pouco impetuoso neste ponto, e que declare que a brusca extinção do cargo de Master in Chancery pela nova Constituição me pareceu um ato... precipitado; na medida em que eu contava retirar desse

cargo uma renda vitalícia, e em vez disso só pude usufruir dela por alguns anos. Mas isto era apenas um aparte.

O meu escritório ficava no primeiro andar do n.º ... de Wall Street. Um dos seus lados dava para a parede branca de um vasto pátio interior, que atravessava o prédio de alto a baixo e era encimado por uma claraboia. Esta vista podia ser considerada bastante monótona e deficiente naquilo a que os pintores paisagistas chamam «vida». Mas se assim era, a outra ponta do escritório oferecia pelo menos um certo contraste. Nessa direção, as minhas janelas tinham ampla vista para uma alta parede de tijolo, enegrecida pelo tempo e pela sombra permanente. Para contemplar as secretas belezas dessa parede não eram necessários binóculos, já que a mesma se erguia, para benefício de todos os míopes, a três metros das minhas janelas. E dada a grande altura dos edifícios circundantes, e o facto de o meu escritório se situar no primeiro andar, o espaço entre essa parede e a minha acusava certas parecenças com uma gigantesca cisterna quadrada.

No período imediatamente anterior à chegada de Bartleby, eu tinha ao meu serviço dois copistas e, como pacote, um rapaz muito promissor. O primeiro chamava-se Turkey, o segundo Nippers, e o terceiro Ginger Nut¹. Não são nomes que se costume encontrar num anuário. Na verdade, eram alcunhas que os meus três empregados se tinham atribuído entre si, e que pretendiam traduzir as suas respectivas pessoas ou personalidades. Turkey era um inglês baixote e obeso, mais ou menos da minha idade, ou seja, perto de sessenta anos. Pode-se dizer que de manhã a sua tez apresentava um belo tom rosado; mas depois do almoço — no caso, depois do meio-dia — as suas faces adquiriam um rubor de carvões na noite de Natal; brilho esse que permanecia, embora esmorecendo gradualmente, até por volta das seis horas, período após o qual eu deixava de ver o proprietário do rosto, que, alcançando o seu meridiano ao mesmo tempo que o Sol, parecia pôr-se com ele, erguer-se, culminar e declinar no dia seguinte, com a mesma regularidade e idêntica glória. Ao longo da minha vida pude teste-

munhar muitas e singulares coincidências, e uma das mais interessantes era o facto de o máximo resplendor e vermelhidão no rosto de Turkey assinalar sempre o instante a partir do qual a sua capacidade de trabalho começava a declinar, assim se mantendo para o resto do dia. Não é que ele se revelasse mandrião ou avesso ao trabalho. Pelo contrário, tornava-se era demasiado enérgico. Caía num frene-si de atividade, tomado por um entusiasmo convulsivo e desastrado. Mostrava-se menos cuidadoso ao mergulhar a pena no tinteiro. Os borrões que ele deixou nos meus documentos foram todos feitos, sem exceção, depois do meio-dia em ponto. Para além da sua imprudência vespertina, e do seu lamentável pendor para os borrões, havia dias em que ele ia mais longe e se tornava bastante barulhento. Nessas alturas, o seu rosto adquiria um fulgor ainda maior, como se alguém tivesse amontoado hulha sobre antracite. Fazia um barulho desagradável com a cadeira; derrubava o areeiro; ao aparar as penas, acabava por parti-las em bocados e, cheio de impaciência, atirava-as para o chão, num acesso de fúria; levantava-se, inclinava-se sobre a secretária e punha-se a esmurrar indecorosamente os papéis, o que era um triste espetáculo num homem da sua idade. Apesar disso, como ele me era, em muitos aspetos, bastante útil e se mostrava, até ao meio-dia em ponto, um trabalhador assaz diligente e digno de confiança, capaz de executar nesse período matinal uma grande quantidade de trabalho com uma competência difícil de igualar, eu tolerava as suas excentricidades, ainda que por vezes o repreendesse. Fazia-o, porém, com muita brandura, pois embora de manhã Turkey fosse a pessoa mais cortês e respeitadora do mundo, após o almoço, à menor provocação, ele tendia a mostrar-se algo desbocado, quando não insolente. Ora, valorizando eu os seus serviços matinais, e decidido a não os perder, mas incomodado com as suas maneiras da parte da tarde, e sendo eu um homem de paz, pouco interessado em suscitar nele respostas tortas com os meus reparos, num certo sábado ao meio-dia (ele mostrava-se sempre mais insuportável aos sábados) decidi sugerir-lhe, com a maior afabili-

dade, que talvez fosse preferível para ele encurtar o seu horário de trabalho, agora que estava a ficar velho; em poucas palavras, sugeri-lhe que aos sábados trabalhasse apenas de manhã, aproveitando as tardes para ficar em casa a descansar. Mas ele não quis ouvir falar do assunto e insistiu em cumprir os seus deveres vespertinos. Com o rosto incrivelmente abrasado, disse-me retoricamente — enquanto gesticulava com uma régua comprida, na outra ponta da sala — que se os seus serviços matinais eram úteis, quão indispensáveis não seriam os da parte da tarde?

«Com todo o respeito», continuou, «eu considero-me o seu braço direito. Da parte da manhã, ordeno e alinhio as minhas colunas; mas é da parte da tarde que me ponho à cabeça das mesmas e invisto galhardamente contra o inimigo, assim!», e desferiu uma brusca estocada com a régua.

«Mas os borrões, Turkey», alvitrei.

«É verdade — mas, com o devido respeito, o senhor repare nos meus cabelos brancos! Estou a ficar velho, e não é justo acusar severamente estes cabelos brancos por causa de um ou dois borrões, feitos numa tarde de maior irritação. A velhice — mesmo com uma ou outra mancha — deve ser honrada. E, com o devido respeito, nem eu nem o senhor vamos para novos.»

Era-me difícil resistir a este apelo para sentimentos de comunhão. Em todo o caso, percebi que ele nunca acataria o meu conselho. Assim, conformei-me com a ideia de o deixar ficar, mas decidi que da parte da tarde passaria a confiar-lhe apenas os meus documentos menos importantes.

Nippers, o segundo da minha lista, era um indivíduo que andaria pelos vinte e cinco anos, com suíças, tez pálida e qualquer coisa de pirata no aspeto. Eu sempre o vi como prisioneiro de duas forças malignas — a ambição e a dispepsia. A primeira era evidenciada pela impaciência com que encarava os seus deveres de mero copista, pela sua indefensável usurpação de matérias estritamente profissionais, como a pretensão de redigir ele próprio certos documentos legais. A dispepsia manifestava-se em ocasionais ataques de mau humor, em certos esgares de irritabilidade,